

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ERA UMA VEZ: O ENFRENTAMENTO DA REALIDADE ATRAVÉS
DA IMAGINAÇÃO E DA FANTASIA POR CRIANÇAS E
ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ABRIGO

Bolsista: Luísa Euzébio Guedes de Freitas, FAPEAM

MANAUS
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB-SA/0131/2014
ERA UMA VEZ: O ENFRENTAMENTO DA REALIDADE ATRAVÉS
DA IMAGINAÇÃO E DA FANTASIA POR CRIANÇAS E
ADOLSCENTES EM CONTEXTO DE ABRIGO

Bolsista: Luísa Euzébio Guedes de Freitas, FAPEAM
Colaboradora: Deídre Silva do Nascimento
Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Cristina Fernandes Martins

MANAUS
2015

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Laboratório de Desenvolvimento Humano e Educação da Faculdade de Psicologia / UFAM, por intermédio do grupo de pesquisa sobre “Subjetividades, povos amazônicos e processos de desenvolvimento humano”, na linha de pesquisa “Subjetividades, povos amazônicos e processos educativos”.

Resumo: Pensando na importância do acolhimento institucional como medida protetiva para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, o trabalho desenvolvido por esta pesquisa, busca investigar sobre a utilização de mediadores culturais como alternativa para a prática socioeducativa do abrigo. Sendo os mediadores culturais compreendidos como instrumentos que possibilitam trabalhar a subjetividade da criança e do adolescente permitindo que o sujeito se torne parte do processo dialético. A participação ocorre, então, na medida em que as crianças e adolescentes são escutados por aqueles que trabalham junto a eles em sua prática socioeducativa. Dar voz e permitir a narrativa através dos mediadores culturais possibilitam a construção de sentidos e a ressignificação dos significados relativos à violência vivenciada. A Casa Mamãe Margarida é uma instituição filantrópica com objetivos humanitários na cidade de Manaus, dirigidas pelas filhas de Maria Auxiliadora (Irmãs Salesianas) e mantida através de convênios e doações de benfeitores. O trabalho da instituição proporciona educação integral do primeiro ao quinto ano e acolhimento institucional para meninas de seis a 18 anos, que vivem em situação de vulnerabilidade social. Dessa forma, a pesquisa propôs analisar como o imaginário e a fantasia, trabalhados através dos mediadores culturais que promovem à narrativa, ajudam as crianças e adolescentes a lidar com a violência no enfrentamento da realidade. Primeiro procurando identificar a presença destes mediadores culturais no processo socioeducativo da instituição de abrigo Mamãe Margarida; e em seguida investigando a importância da narrativa no processo socioeducativo e seus benefícios no desenvolvimento das crianças e adolescentes em situação de risco. Para isso, foram utilizados os seguintes instrumentos e técnicas como método: observação participante, pesquisa e análise documental das crianças e adolescentes abrigadas, entrevistas semiestruturadas com três professoras que fazem parte do corpo docente da instituição e grupo focal com cinco meninas acolhidas pelo abrigo na faixa etária entre 12 e 14 anos de idade. A análise dos dados foi feita a partir de uma abordagem qualitativa, por meio da análise de categorias metodológicas e fundamentou-se na teoria histórico-cultural. Foi possível confirmar a presença dos mediadores culturais na prática socioeducativa da instituição, de acordo com as entrevistas das professoras, essas atividades são realizadas procurando dar sentido para a realidade em que estas crianças e adolescentes estão inseridas. No decorrer do grupo focal com as meninas abrigadas constatou-se a satisfação delas em participarem de certas atividades, entretanto, a função dos mediadores culturais de trabalhar a subjetividade nem sempre foi alcançada, de forma a trabalhar efetivamente a narrativa. Concluímos, então, que a forma como estes mediadores culturais são trabalhados influenciam na efetividade da ressignificação da violência através da fantasia. Construir uma cumplicidade entre a prática dos psicólogos em instituições de abrigo como a Casa Mamãe Margarida junto aos educadores que nela trabalham, seria provavelmente uma possibilidade contundente na utilização de mediadores culturais que promovem a narrativa de modo a proporcionar a ressignificação da violência.

Palavras-chave: mediadores culturais; abrigo; vulnerabilidade.

Abstract: Thinking about the importance of residential care as protective measure for children and adolescents in situations of social vulnerability, the work of this research aims to investigate on the use of cultural mediators as an alternative to the practice of socio shelter. Being the cultural mediators understood as instruments that allow working the child's subjectivity, allowing the subject to become part of the dialectical process. Participation takes place when children and adolescents are heard by those who work with them in their socio-educational practice. Giving voice and allowing the narrative through cultural mediators enable the construction of meaning and redefinition of meanings related to the violence experienced. Casa Mamãe Margarita is a charity with humanitarian goals in Manaus, directed by the Daughters of Mary Help of Christians (Salesian Sisters) and maintained through agreements benefactors and donations. The work of the institution provides education from first to fifth year and residential care for girls from six to 18, who live in socially vulnerability. The propose of the research is to analyze how the imagination and the fantasy, worked through cultural mediators that promote the narrative, help children and adolescents cope with violence when facing reality. First trying to identify the presence of these cultural mediators in the process of socio-educational practice at Mamãe Margarida; and then investigating the importance of narrative in the socio-educational process and its benefits in the development of children and adolescents at risk. The following tools and techniques were used as a method: participant observation, search and document analysis of children and adolescents sheltered, semi-structured interviews with three teachers who are part of the faculty of the institution and focus group with five girls received by the shelter in the range age between 12 and 14 years old. The analysis was made from a qualitative approach, through the analysis of methodological categories and was based on the historical and cultural theory. It was possible to confirm the presence of cultural mediators in the socio-educational institution of the practice. According to the interviews of the teachers these activities are done trying to make sense of the reality in which these children and adolescents are located. During the focus group with the sheltered girls, was possible to found their satisfaction in participating in certain activities, however, the role of cultural mediators to work subjectivity was not always achieved in order to effectively work the narrative. We conclude that the way these cultural mediators are worked influence the effectiveness of reframing violence through fantasy. Build a complicity between the practices of psychologists in shelter institutions such as Casa Mamãe Margarita with educators who work there, it would probably be a resounding possibility of using cultural mediators that promote the narrative to provide a reinterpretation of violence.

Keywords: cultural mediators ; shelter; vulnerability.

Sumário

1. Introdução.....	6
2. Fundamentação Teórica.....	9
3. Metodologia.....	14
3.1. Abordagem e método da pesquisa.....	14
3.2. População ou amostra da pesquisa.....	15
3.3. Técnica e instrumentos utilizados para a coleta de dados na pesquisa.....	16
3.4. Perfil e dinâmica da instituição onde foi realizada a pesquisa.....	18
3.5. Etapas realizadas na pesquisa.....	19
3.6. Técnicas para a análise e interpretação dos dados na pesquisa.....	21
4. Resultados e discussões.....	22
4.1. Análise do grupo focal.....	22
4.1.1. Breve relato das razões que levaram as meninas participantes da pesquisa ao acolhimento institucional.....	22
4.1.3. Atividades como perspectivas de futuro.....	26
4.1.4. Atividades realizadas e a presença da narrativa.....	27
4.1.5. Relação com o abrigo.....	29
4.2. Análise das entrevistas.....	30
4.2.1. Breve relato sobre quem são as professoras participantes da pesquisa.....	30
4.2.2. Trabalho realizado pela instituição.....	31
4.2.3. Realidade das meninas.....	32
4.2.4. Relação das meninas com as atividades que utilizam mediadores culturais (sob a perspectiva das professoras).....	34
5. Conclusão.....	37
6. Bibliografia.....	39
7. Apêndice.....	42

1. Introdução

Na perspectiva de compreender a complexidade do tema e suas repercussões no processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes que vivem essa realidade do abrigo, surgiu a motivação em investigar a influência dos mediadores culturais enquanto instrumentos desencadeadores da narrativa desses sujeitos, interesse despertado ao longo da disciplina Psicologia Escolar I, enquanto parte integrante do currículo obrigatório do curso de Psicologia. Este relatório descreve, portanto, o que foi realizado através do projeto enquanto pesquisa ao longo do último ano, isto é, de julho de 2014 a julho de 2015.

Em linhas gerais, o presente trabalho visa analisar como o imaginário e a fantasia ajudam as crianças e adolescentes a lidar com a violência no enfrentamento da realidade; identificar a presença de mediadores culturais que promovem a narrativa de crianças e adolescentes no processo socioeducativo de instituições de abrigo; e investigar a importância da narrativa no processo socioeducativo e seus benefícios no desenvolvimento das crianças e adolescentes em situação de risco.

Historicamente, o estudo da Psicologia Escolar/ Educacional, de acordo com Maciel, Silva e Tacca (2001), tem como objetivo aprimorar a compreensão e os conhecimentos sobre os processos educativos. Os estudos realizados ao longo da disciplina problematizaram a atuação do psicólogo no campo escolar e educacional, mediante os desafios postos pela realidade nesse contexto em nível nacional e local, tais como: a produção do fracasso escolar, a relação escola e sociedade, a interação professor-aluno e a importância da psicologia escolar em contextos de abrigo.

Considerando essa premissa, o documento do Conselho Federal de Psicologia, intitulado “Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogos na Educação Básica” (2013), estabelece dentre seus eixos que é função do psicólogo participar do trabalho de elaboração, avaliação e reformulação do projeto político-pedagógico da instituição escolar, destacando a dimensão pedagógica ou subjetiva da realidade escolar, o que permite sua inserção no conjunto das ações desenvolvidas pelos profissionais da escola e reafirma seu compromisso com o trabalho interdisciplinar. Assim, participar do cotidiano escolar lhes proporcionará experiências que contribuirão no planejamento, desenvolvimento e avaliação de diferentes possibilidades de intervenção.

No que tange às práticas de intervenção no âmbito das instituições educacionais, o referido documento preconiza que, a função do psicólogo é conduzir a criança e o

adolescente a descobrir seu potencial de aprendizagem, auxiliando na utilização de mediadores culturais que possibilitem expressões de subjetividade.

Dessa forma, é cabível pensar, que através de mediadores culturais, o psicólogo escolar pode explorar as narrativas da criança e do adolescente que vivem em contexto de abrigo, para que o processo socioeducativo realizado em tais instituições atente às peculiaridades do público em questão, contemplando suas necessidades.

As cicatrizes de um passado de exploração e pobreza também fazem parte da população da cidade de Manaus, que resultam, obviamente, em um mal estar social e político. Na tentativa de garantir os direitos que as crianças e os adolescentes manauaras têm como sujeitos, instituições de abrigo como a Casa Mamãe Margarida, local onde foi realizado o projeto, acolhem crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A Casa Mamãe Margarida atende a aproximadamente 350 meninas, proporcionando acolhimento institucional para 24 meninas, que são encaminhadas pelo Juizado da Infância e Juventude, Conselhos Tutelares e Comunidades.

A Casa Mamãe Margarida localizada na Rua Penetração II, nº 27, Bairro São José II foi fundada em 1986 com proposta educativa e formativa para favorecer a cidadania a meninas em situação de risco pessoal e social através do protagonismo juvenil, segundo o estilo salesiano. É uma instituição de caráter filantrópico, social, educacional e religioso, sem fins lucrativos, dirigida pelas Filhas de Maria Auxiliadora (Irmãs Salesianas) e mantida através de convênios e/ou doação de benfeitores. A instituição oferece educação integral através do acolhimento institucional e do apoio socioeducativo para meninas de 06 aos 17 anos e 11 meses de idade. Como detalha Silva (2013):

As meninas possuem o ensino regular de 1º ao 5º ano e atividades extracurriculares, como: informática, idiomas, pintura em tecido, ponto russo, dança, canto, bordado, artesanato, crochê, atividades físicas e recreativas, acompanhamento pedagógico em contra turno do ensino regular, atividades de incentivo a leitura na biblioteca, participação política em Conferências Municipais e Estaduais de Educação, Meio Ambiente e de Direitos da Criança e do Adolescente, além do acompanhamento de sua saúde física e atendimentos com assistentes sociais, psicólogas e psicopedagogia. (p. 67 e 68).

Na tentativa de trabalhar a subjetividade das crianças e adolescente atendidas, os mediadores culturais são instrumentos que permitem à transformação da realidade, de modo a permitir a estes jovens, a reflexão sobre a sociedade atual e as possíveis perspectivas de futuro. As atividades lúdicas, o incentivo à arte e a produção criativa

quando presentes na prática socioeducativa de instituições de abrigo como a Casa Mamãe Margarida podem ser de grande importância para o desenvolvimento das meninas abrigadas.

A educação não formal, palco de tentativas para suprir o que a educação formal não consegue atingir, procura atender a população excluída pelo sistema econômico capitalista, a população pobre que é privada de seus direitos. Dentro deste contexto, Soares e Araújo (2010) enfatizam a importância do profissional de Psicologia Escolar no auxílio aos educadores sociais, assim como para os demais profissionais que trabalham com a educação: *“Intervir nos processos subjetivos que sustentam práticas de injustiça social, a partir da especificidade do conhecimento científico e profissional, coloca-se como o desafio da Psicologia Escolar”* (SOARES E ARAÚJO, 2010, p.52).

Dessa forma o relatório apresenta na fundamentação teórica materiais já produzidos a respeito da temática trabalhada, sintetizando o abrigamento na perspectiva do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), bem como das Orientações Técnicas para o Acolhimento de Crianças e Adolescentes. E refletindo sobre a importância da imaginação e fantasia, por meio de mediadores culturais que propiciam a narrativa para as crianças e adolescentes em situação de abrigamento. Na metodologia foram esclarecidos os métodos estabelecidos utilizados para a coleta dos dados: a análise de documentos das crianças e adolescentes encaminhadas e cadastradas no abrigo, as entrevistas com três professoras que fazem parte do corpo docente da instituição, a observação participante e o grupo focal com cinco meninas acolhidas pelo abrigo. A abordagem qualitativa e teoria Histórico-Cultural utilizadas na análise desses dados, bem como a amostra da pesquisa, que correspondem às professoras e meninas abrigadas que participaram das entrevistas e grupo focal, e as etapas contempladas no decorrer de sua realização também foram descritas na metodologia do relatório. Para que após a familiarização do leitor com os procedimentos feitos, com a rotina e sujeitos envolvidos na pesquisa, fosse possível discutir e analisar os resultados respaldados pela teoria e referências levantadas na fundamentação teórica. Chegando a proposição final da conclusão, que a partir das percepções instituídas permitiram compreender como os objetivos da pesquisa foram interpretados, destacando a importância da intervenção da Psicologia nas instituições de acolhimento.

2. Fundamentação Teórica

Com a oficialização do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, o acolhimento institucional ou abrigamento, passou a garantir a proteção das crianças e adolescentes que tem seus direitos negados ou negligenciados. Sendo o primeiro princípio do Estatuto que rege a aplicação de tais medidas: a *“condição da criança e do adolescente como sujeitos de direitos: crianças e adolescentes são os titulares dos direitos previstos nesta e em outras Leis, bem como na Constituição Federal”* (ECA, artigo 100). O Estatuto define que *“o acolhimento institucional e o acolhimento familiar são medidas provisórias e excepcionais, utilizáveis como forma de transição para reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade”* (ECA, artigo 101, parágrafo 1º), que ocorrem em última instância, quando se mostra necessário retirar a criança ou adolescente temporariamente do seu núcleo familiar para a garantia de seus direitos.

Dentre as razões que levam a necessidade do acolhimento institucional e o afastamento temporário da criança e do adolescente de sua família estão: a negligência, o abandono e violência física, psicológica ou sexual, que podem ou não estar associados ao uso de álcool e outras drogas pelos pais ou responsáveis. Sendo que a pobreza, como declarado no artigo 23 do Estatuto, não é motivo suficiente para a utilização de tal medida protetiva (GRAJEW, 2012).

À medida que, o processo de abrigamento se desvinculou do antigo caráter de internação ou institucionalização, defendendo os direitos da criança e do adolescente como sujeitos em desenvolvimento que carecem de uma integração social na formação de sua subjetividade, a convivência familiar e comunitária se torna essencial. A internação passa, então, a ser condenada, pois exclui do processo a necessidade de proteção vinculada à integração, a responsabilidade de cuidar de crianças e adolescentes de maneira completa e justa, de forma que não sejam punidos através da exclusão (AYRES, COUTINHO, SÁ E ALBERNAZ, 2010).

O texto ‘As Leis e a Realidade de uma Instituição de Acolhimento’ de Daffre (2012), atenta para legislação existente e para a difícil tarefa de exercer tais leis na prática real do cotidiano de uma instituição de abrigo, visto que a complexidade que permeia as relações e histórias das crianças e adolescentes atendidos pelo serviço de abrigamento requerem cuidados excepcionais que os permitam lidar com a violência

vivida anteriormente, de modo, a desenvolver suas autonomias e cidadanias, procurando a inserção social.

As Orientações Técnicas para o Acolhimento de Crianças e Adolescentes, aprovada pelo Governo Federal em 2009, a partir de representações do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) e do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), têm como o objetivo regulamentar nacionalmente a organização e oferta do serviço de acolhimento e da política de proteção de assistência social veiculada através aos abrigos, dando a merecida importância à necessidade de prezar pelo valor social na medida de acolhimento institucional:

O impacto do abandono ou do afastamento do convívio familiar pode ser minimizado se as condições de atendimento no serviço de acolhimento propiciar experiências reparadoras à criança e ao adolescente e a retomada do convívio familiar. Dessa forma, tais serviços não devem ser vistos como nocivos ou prejudiciais ao desenvolvimento da criança e do adolescente, devendo-se reconhecer a importância dos mesmos, de forma a evitar, inclusive, a construção ou reforço de uma autoimagem negativa ou de piedade da criança e adolescente atendidos, por estarem sob medidas protetivas (Orientações Técnicas, p.19).

Arpini (2003) defende que a instituição pode ser uma alternativa favorável na tentativa de proteger a criança e o adolescente da violência vivida em casa, dando-lhes a oportunidade de elaborar o seu passado para a amenização do sofrimento. As condições de abrigamento não são mais ameaçadoras do que a violência do ambiente familiar. Entretanto, é fundamental que se trabalhe a relação entre a sociedade e as instituições de abrigo, “trabalhando sobre os preconceitos instituídos, sobretudo, o de que “ela é uma alternativa fracassada”” (ARPINI, 2003, p.72). O principal problema é o estigma construído a respeito do contexto de abrigamento, que acaba sendo direcionado para as crianças e adolescentes que participam dele, de forma a conduzir a formação de suas identidades e a determinar a sua representação social.

Completados 10 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente em 2000, Ayres, Coutinho, Sá e Albernaz (2010) propuseram-se a pesquisar as publicações científicas realizadas durante os anos de 2000 a 2008 sobre o tema do abrigamento. Frente a grande quantidade de produção que atesta cientificamente a deficiência da política de abrigamento, reconhecendo como inferior o convívio social das crianças e adolescentes que crescem neste meio, indagaram-se, então, sobre o que se quer produzir a respeito do

tema, uma vez que já é tido como verdade pelos pesquisadores, o fracasso do abrigo.

Pensando nas políticas públicas que garantem ou devem garantir o atendimento de qualidade nos abrigos Grajew (2012), parte da sistematização dos principais documentos utilizados no contexto do abrigo. Dentre esses documentos, destaca: primeiramente o Estatuto da Criança e do Adolescente; e posteriores a este as Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, do Governo Federal e CONANDA; a Portaria 46/2010 de SMADS/PMSP; e a publicação do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), ‘O município e a criança de até 6 anos: direitos cumpridos, respeitados e protegidos’, Brasília, 2005.

As políticas públicas que guiam o atendimento ofertado pelas instituições de abrigo resguardam, então, algumas diretrizes para a garantia da qualidade do abrigo. A primeira diretriz refere-se à necessidade de recursos financeiros suficientes, garantindo instalações adequadas e equipe multiprofissional completa. A segunda diretriz essencial é a elaboração de instrumentos de planejamento institucional, como o Projeto Político-Pedagógico e o Plano de Atendimento Individual e Familiar, elaborado para cada criança e adolescente atendido a partir de um estudo diagnóstico inicial.

Outra diretriz seria a importância do trabalho em rede, partindo de que os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes integram os Serviços de Alta Complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), e visam alcançar o Sistema de Garantia de Direitos, promovendo os serviços de saúde, educação, esporte e cultura.

As Orientações Técnicas (2009) regulamentam que o propósito do abrigo deve ser o de oferecer um ambiente de cuidados que facilitem o desenvolvimento integral da criança e do adolescente abrigados, a superação do afastamento familiar e das violências vividas, a ressignificação e apropriação de sua história de vida e o fortalecimento da autonomia e cidadania, por meio do convívio comunitário e inserção social.

Na tentativa de trabalhar a subjetividade da criança e do adolescente atendidos através do acolhimento institucional, os mediadores culturais são instrumentos que permitem à transformação da realidade, através da ressignificação. Assim, atrelados às políticas públicas que garantem um serviço de qualidade, é preciso se pensar em técnicas e instrumentos que façam parte da prática institucional do abrigo, pois *“a elaboração de práticas mais adequadas visando à promoção do desenvolvimento*

infantil está intimamente ligada ao oferecimento de serviços de qualidade que atendam as necessidades tanto das crianças quanto de suas famílias” (VECTORE, 2015, p. 172).

O trabalho de Vygotsky (2007) trouxe os processos mediacionais como possibilidade de trabalho em contextos educacionais, pois tratam do desenvolvimento humano através da relação social. Utiliza-se, assim, a mediação entre o pensamento e a linguagem para a construção de sentidos e significados, que partem da subjetividade para a construção de uma história de vida. O homem que está inserido no mundo, e dessa forma se constrói socialmente, trabalha a dialética entre suas relações através dos mediadores que o afetam.

Assim, para construir novos significados que possibilitem a superação da violência vivida anteriormente no ambiente familiar, a criança e o adolescente abrigado devem ter acesso a mediadores. Na área da educação, segundo Zanolla (2012), a mediação diz respeito à relação recíproca entre o indivíduo e o conteúdo a ser estudado, de modo que este se torna sujeito do processo dialético. E tornando-os parte do processo dialético, existe a possibilidade da apropriação de sua história de vida, crescimento de sua autonomia, inserção social e até mesmo reintegração familiar.

Como declara Vettore (2015):

Em síntese, a qualidade do atendimento a criança abrigada deve estar alicerçada em vários patamares, como a existência de políticas públicas eficientes, a consolidação de um projeto educacional visando à capacitação dessas instituições e também na necessidade de compreender que a utilização de estratégias mediacionais pode ser fundamental para a promoção do desenvolvimento no contexto da instituição, devido à possibilidade de enriquecimento das estimulações ambientais, através das interações estabelecidas com os pequenos, advindas de bons mediadores (p.189).

Através de alguns instrumentos mediacionais criados com objetivos específicos para se trabalhar em contextos infantis, Vettore (2011), procura resgatar em seu trabalho a importância da ludicidade, das atividades com jogos e da narrativa. Para a autora é interessante que os mediadores ao serem elaborados se baseiem na ludicidade, que em contextos que favorecem o desenvolvimento, possibilitam em toda a sua riqueza dar voz a criança por meio da linguagem do brincar.

Oriente e Souza (2007) atentam para a importância da voz da criança, pois ela como principal personagem deste contexto merece ser ouvida, de modo que tal diálogo proporcione um melhor atendimento às suas necessidades. O significado do

abrigamento, que costuma estar atrelado ao sentimento de invisibilidade, são resultados de um meio social e político despreparados para prover a proteção que estas crianças e adolescentes merecem.

Carvalho e Vettore (2009) realizaram uma pesquisa em um abrigo para crianças, a partir de oficinas psicopedagógicas mediadas pela utilização de contos de fadas, defendendo a importância das histórias infantis no desenvolvimento da criança. A fantasia que promove a narrativa traz a possibilidade de lutar contra a esmagadora realidade, que submete o sujeito a contradições ultrajantes e sofrimento. A fantasia tem o poder de amenizar a realidade de violência vivida por crianças e adolescentes em contexto de abrigamento.

A modernidade, no entanto, se distancia cada vez mais dos mundos fantásticos e as crianças em contexto de abrigamento não estão isentas a tal situação, quando inseridas em um ambiente que pouco possibilita a manifestação de subjetividade. Assim, segundo Carvalho e Vettore (2009), criar espaços para ouvir e contar histórias traz a possibilidade de se trabalhar o imaginário infantil por meio de mediadores, dando voz às crianças através de narrativas.

Falando sobre a dialética entre fantasia e realidade, Vigotski (2014) afirma que a fantasia se constrói a partir do que é vivido no mundo real, todo ato imaginativo parte de elementos da realidade das experiências anteriores. Sendo assim, o mundo criado na fantasia é uma forma de narrativa a respeito da história de vida de quem a cria, revelando a relação do indivíduo com o mundo.

Brandão, Smith, Sperb e Parente (2006, p.99) afirmam que nas narrativas “os eventos se articulam e sucedem, não necessariamente segundo critérios lógicos, mas motivados por intenções humanas”, que auxiliam a criança em suas relações interpessoais, tornando a complexidade das contradições tangíveis a sua compreensão. Narrativas, como explicita Galvão (2005), baseando-se na obra de Bruner (1991), são uma interpretação da realidade que parte do sujeito que a conta, apontando um desejo ou motivação, de forma que não precise, necessariamente, ser comprovada como verdadeira. A narrativa seria, então, a percepção que o sujeito tem de suas experiências no mundo. A forma como é afetado através de suas relações com o mundo, ou seja, os sentidos e significados que constituem a sua subjetividade.

Para Girardello (2007) toda criança que tem contato com a linguagem tem contato também com a narrativa, sendo a narrativa um espaço de construção de produção cultural. O desenvolvimento das capacidades narrativas da mente, segundo

Egan (2007), melhor percebida quando se presta atenção à imaginação, permite à construção de sentidos e significados, possibilitando dar sentido a experiência vivida.

“A criança ao inventar uma história, retira os elementos de sua fabulação de experiências vividas anteriormente, mas a combinação desses elementos constitui algo novo” (GIRARDELLO, 2007, *apud* Jobim e Souza, 1994, p. 148). Assim, o distanciamento da realidade por meio da fantasia, proporciona a construção de novos significados, diferentes daqueles antes falados através da narrativa, por meio da imaginação. A fantasia pode, então, construir novas realidades.

3. Metodologia

A pesquisa em questão foi desenvolvida através do **Laboratório de Desenvolvimento Humano e Educação da Faculdade de Psicologia / UFAM**, por intermédio do grupo de pesquisa sobre **“Subjetividades, povos amazônicos e processos de desenvolvimento humano”**, na linha de pesquisa **“Subjetividades, povos amazônicos e processos educativos”**, cujo objetivo é **“Empreender estudo sobre os processos de desenvolvimento de crianças e adolescentes em contextos sócio-institucionais específicos; produção de conhecimentos que deem subsídios para a atuação do psicólogo nas políticas públicas de educação, assistência social e saúde com foco na promoção dos direitos humanos da população amazônica; aspectos psicossociais da desigualdade e processos de transformação social; psicologia, movimentos sociais e processos de inclusão”**.

3.1. Abordagem e método da pesquisa

Para consecução dos objetivos propostos, a respectiva pesquisa foi desenvolvida através da abordagem qualitativa, uma vez que as ciências humanas, em especial o estudo do comportamento humano e social, possuem especificidades que exigem metodologia própria.

Nessa perspectiva, a abordagem qualitativa foi fundamental nos estudos em questão uma vez que

... parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (Chizzotti, 1991, p.79)

Considerando os indicadores propostos inicialmente, é necessário enfatizar a relação indissolúvel entre os participantes e a sociedade que os circunda, através da subjetividade, a partir da definição de Rey (2005) onde:

O tema da subjetividade é adotado a partir de uma perspectiva dialógica, dialética e complexa, em que a subjetividade não aparece “coisificada” em nenhum tipo de entidade, nem de invariante universal da natureza humana, mas que se expressa como um sistema complexo em constante avanço, que constitui o sujeito concreto e, por sua vez, é constituída por aquele de forma permanente por meio de sua constante produção de sentidos e significados dentro dos diferentes sistemas da subjetividade social em que desenvolve suas ações. (p. 08)

Dessa maneira, a concepção de subjetividade que permeia o trabalho trata-se de um sistema complexo de significações e sentidos produzidos na vida cultural, uma vez que a mesma é um elemento constitutivo da cultura e da vivência das crianças e adolescente que constituíram o público desse estudo, pretendendo superar a dicotomia entre o social-individual, o interno - externo presente em parte considerável dos estudos na área da Psicologia.

A pesquisa foi norteada pelo método do estudo de caso, que segundo Chizzotti (1991):

“trata-se de uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora” (p.102)

O caso toma uma unidade significativa do todo, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto propor uma intervenção. Serve como um marco referencial de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação retratando uma realidade e revelando a multiplicidade de aspectos globais, presentes numa dada situação.

3.2. População ou amostra da pesquisa

A pesquisa abrangeu a participação de três professoras que atuam na instituição Casa Mãe Margarida que responderam às questões através de uma entrevista semiestruturada: uma professora do 2º ano, uma professora do 5º ano e uma professora de educação física, todas atuantes na casa em nível de ensino fundamental, assim como

o relato de cinco meninas em situação de acolhimento, que foram ouvidas através de um grupo focal. A determinação dos sujeitos que participariam do grupo focal foi feita junto à psicóloga do abrigo, uma vez que a mesma possuía maior contato com as meninas. Participaram da pesquisa adolescente entre 12, 13 e 14 anos. A faixa etária estabelecida anteriormente no projeto abrangia o interstício de 10 a 14 anos; entretanto, não havia no abrigo meninas com 10 ou 11 anos na casa, em situação de acolhimento, no momento em que foi realizado o grupo focal.

Os registros das situações foram devidamente autorizados pelos participantes através do Consentimento Livre Esclarecido, de acordo com os princípios éticos expressos na Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, que normatizam a pesquisa envolvendo seres humanos. Quem respondeu pela autorização para a participação das menores na pesquisa foi à psicóloga do abrigo, visto que, estas crianças e adolescentes estão sob a responsabilidade da instituição.

3.3. Técnica e instrumentos utilizados para a coleta de dados na pesquisa

A seguir serão descritos as técnicas e instrumentos que contaram com a participação dos sujeitos citados e possibilitaram a obtenção de dados:

- **Observação participante** - realizada através do contato direto com as participantes envolvidas na realidade estudada, recolhendo informações a respeito do contexto de acolhimento institucional, a partir de suas perspectivas e pontos de vistas. Junto à observação foram elaborados registros em diários de campo, que como enuncia Chizzotti (1991), devem ser feitas através de resumos descritivos das observações pelo pesquisador/ observador, registrando o nível de intensidade e frequência dessas observações, as circunstâncias em que as mesmas ocorrem em nível de tensões, mudanças e decisões, bem como as possibilidades de anotações, enfatizando as situações vividas (percepções, hesitações, interferências, conflitos, empatias, dentre outras). Essa etapa do estudo teve por fim observar e descrever as atividades pedagógicas e culturais das quais as crianças e adolescentes participam na Casa Mamãe

Margarida, identificando a presença ou não de mediadores culturais nessas ações.

- **Pesquisa e análise documental** - foi realizada na secretaria da Casa Mamãe Margarida, em Manaus, com o intuito de levantar o número de crianças e adolescentes encaminhadas e cadastradas no abrigo, tempo de permanência na instituição e, quais se encontram em acolhimento institucional conforme determinação do Estatuto da Criança e do Adolescente em seu Art. 90, inciso IV, para triagem inicial das crianças e adolescentes que participaram das etapas subsequentes da pesquisa.
- **Entrevistas** - dirigidas a três professoras que atuam na instituição e estão em contato direto com as crianças e adolescentes participantes do estudo. Essas entrevistas foram realizadas através de roteiros semiestruturados, gravadas e posteriormente transcritas, enfatizando o tempo de atuação na instituição, suas percepções sobre o uso de mediadores culturais enquanto motivação e apoio no desenvolvimento das ações pedagógicas e das narrativas das crianças e adolescentes enquanto enfrentamento das situações de violência às quais foram submetidas. Antes da entrevista, as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que permitia também a gravação da entrevista para posterior análise.
- **Grupo focal** - o grupo focal segundo Gaskell (2002) se constitui em ambiente mais natural em que os participantes levam em consideração os pontos de vista dos outros na formulação de suas respostas e comentam suas próprias experiências e as dos outros. Foi realizado um grupo focal com a participação de cinco adolescentes entre 12 e 14 anos em acolhimento no abrigo, para investigação das percepções destas acerca da importância dos mediadores culturais na constituição de suas narrativas de enfrentamento às situações de violência.

Após o desenvolvimento destas etapas que tiveram o intuito de coletar os dados para a pesquisa foi realizada a sistematização dos documentos e relatórios obtidos, transcrição integral das entrevistas, dos resultados do grupo focal e sistematização dos registros obtidos através de diário de campo. Para que fosse possível a análise qualitativa dos dados, se utilizou como referência obras da Psicologia Social, em especial, da Psicologia Escolar/Educacional à luz da Teoria Histórico-Cultural, para relacionar os referenciais teóricos que fundamentam a utilização de mediadores culturais no enfrentamento das situações de violência.

3.4. Perfil e dinâmica da instituição onde foi realizada a pesquisa

Silva (2013) ao descrever a criação da instituição Casa Mamãe Margarida, em 1986, com base nos acontecimentos históricos e sociais referentes ao momento em questão. Relata que a instituição trabalha com crianças e adolescentes do sexo feminino da periferia da cidade de Manaus, por compreenderem que este público carece de cuidados frente ao sofrimento a que estão submetidas e a falta de recursos para sua defesa. Devido a crescente pobreza, o grande índice de violência, alcoolismo, exploração e conflitos familiares que surgem das relações de desigualdade e injustiça social que fazem parte da realidade dessas meninas. O trabalho da Casa Mamãe Margarida, baseado no Sistema Preventivo de Dom Bosco, busca cumprir através do acolhimento institucional e atividades de apoio socioeducativo o objetivo de:

Contribuir para a redução do número de meninas (crianças e adolescentes) na zona leste de Manaus, encontradas em situação de risco pessoal e social, através de uma educação integral que permita a elas descobrirem e desenvolverem suas aptidões científicas, culturais, artísticas e manuais, de modo especial, redescobrimo valores humanos e éticos capazes de fazê-las protagonistas de uma nova sociedade. (Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, 2006, *apud* Silva, 2013, p. 65).

As meninas acolhidas pelo abrigo têm idades entre seis 18 anos, algumas são mães e moram no abrigo com seus bebês. Do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental as meninas estudam na própria instituição, enquanto aquelas que cursam séries do ensino fundamental II ou ensino médio frequentam escolas públicas próximas à instituição. No período da tarde as meninas participam de atividades promocionais e de ocupação e atividades artísticas, como aula de bordado, pintura em tecido, crochê,

informática, biblioteca, teatro, dança e canto. Cada menina tem um horário específico, a partir de um planejamento individual. Sendo assim, participam de diferentes aulas ou atividades destas citadas. À noite as meninas abrigadas são atendidas pela psicóloga responsável pelo abrigo, através da terapia individual e grupal, detalhadas mais adiante no relatório.

Já as meninas que participam somente das atividades socioeducativas, estudam pela manhã entre as séries do primeiro ao quinto ano, fazem as atividades extracurriculares no período da tarde e retornam para suas famílias a noite. A orientação e escolha das atividades realizada pelas meninas, também é feita a partir de um planejamento individual.

Dentre os trabalhos oferecidos pela instituição Casa Mamãe Margarida para as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social também são possíveis citar: programas evangelizadores, alimentação diária, assistência médica, psicológica e social, cursos profissionalizantes, atividades físicas, de lazer e recreação, participação de eventos organizados pela instituição, atendimento psicopedagógico e psicossocial, familiar e visitas domiciliares, participação em movimentos sociais, articulação e parcerias com ONG's e OG's e capacitação de educadores. A formação das meninas difundida pela instituição visa promover a consciência crítica, uma postura política e ética, em favor do protagonismo juvenil.

3.5. Etapas realizadas na pesquisa

No primeiro momento do projeto de pesquisa foi priorizado o acompanhamento das atividades realizadas na instituição, de modo a permitir a familiarização com as pessoas que lá trabalham, com as crianças e adolescentes atendidas e com a dinâmica do trabalho realizado na Casa Mamãe Margarida, priorizando, assim, a importância da construção do vínculo com todos os sujeitos que participariam da pesquisa. Dessa maneira, a primeira etapa realizada foi à observação participante.

Na observação participante houve a possibilidade de se estabelecer um contato direto com os participantes envolvidos e com o contexto da instituição. Acompanhada pela elaboração de resumos descrevendo o que foi vivenciado bem como as percepções e interpretações do observador (pesquisador), foram organizadas algumas ideias a respeito do que viria a ser concebido nas etapas posteriores. Durante esse processo houve a oportunidade de acompanhar várias atividades realizadas na Casa Mamãe

Margarida como, por exemplo, uma aula de ballet ministrada por uma professora voluntária para meninas do 1º ano; uma atividade de colagem, que tinha como objetivo incentivar o trabalho em grupo e trabalhar o foco e a concentração, através da confecção de um mosaico; uma aula de teatro, em que as meninas ensaiavam uma apresentação que seria realizada no baile de debutante, quando todas as meninas que completaram 15 anos comemoram a data; a comemoração da festa de final de ano da Casa Mamãe Margarida, que celebrou a formatura de algumas meninas e apresentou um espetáculo contando a história do menino Jesus, encenado pelas meninas da instituição. Nessa etapa da observação participante ocorreu a apresentação do projeto para as três psicólogas que trabalham na Casa Mamãe Margarida, seguida do acompanhamento de algumas atividades realizadas pelas mesmas. Duas destas psicólogas atendem a todas as crianças e adolescentes que frequentam a escola na instituição no período da manhã, uma delas é responsável pelo atendimento psicoterápico clínico, para aquelas meninas que a equipe profissional da casa consideram apresentar necessidade. Enquanto isso, outra profissional desenvolvia com as turmas atividades lúdicas, como vídeos, músicas e jogos, ficando responsável todo dia por uma turma diferente durante um período da aula, para realizar as atividades em foco. A terceira psicóloga atuante na casa atende apenas as meninas do abrigo em situação de acolhimento em tempo integral, através do grupo-terapia ou da terapia individual.

Como o foco do projeto são as meninas em situação de acolhimento institucional e seus processos de subjetivação e enfrentamento da violência, deu-se maior atenção à prática da psicóloga que atende essas meninas. No grupo-terapia existem dois grupos: um grupo com as meninas até 12 anos e outro com as de doze anos ou mais. A divisão é feita por idade, mas leva-se em consideração a adaptação da menina, de modo que ela pode escolher em qual prefere participar. O acompanhamento individual é feito com todas as meninas, sem exceção. Até o momento existiam 24 meninas abrigadas, número maior do que o permitido pela nova concepção desse serviço, legalizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que não pode ultrapassar o máximo de 20 crianças e adolescentes abrigados. Como instrumentos do trabalho terapêutico a psicóloga relatou aplicar testes projetivos como o HTP (sigla do inglês House, Tree, Person, que em português significa Casa, Árvore, Pessoa), que trabalha a partir da interpretação do desenho traços da personalidade do indivíduo; além de utilizar cadernos para guardar as atividades realizadas, sendo que cada menina tem um caderno e pode escrever ou desenhar o que desejar no seu caderno, que fica guardado com a psicóloga.

Na etapa seguinte, foram realizadas as entrevistas. Conforme o roteiro previsto pelo projeto, foram feitas entrevistas com três professoras que atuam na instituição. Todas responderam às questões relacionadas à entrevista semiestruturada, concordaram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, que permitia também a gravação da entrevista para posterior análise.

Em seguida, foi concretizada a última etapa do trabalho de campo do projeto: o grupo focal com cinco adolescentes em situação de acolhimento. A determinação dos sujeitos que participariam do grupo focal foi feita junto à psicóloga do abrigo, pois esta era a que possuía maior conhecimento acerca da realidade das mesmas, mencionado anteriormente. Participaram meninas que tinham entre 12, 13 e 14 anos, que discutiram sobre questões norteadoras em consonância com os objetivos da pesquisa. Da mesma maneira, foram gravadas as referidas questões e relatos expressos no grupo focal, bem como assuntos trazidos pelas meninas para posterior análise, mediante aviso prévio.

3.6. Técnicas para a análise e interpretação dos dados na pesquisa

A análise dos dados se fundamentou na Teoria Histórico-Cultural por entender que a mesma concebe o fenômeno psicológico como uma construção do nível individual e coletivo do mundo simbólico e, considera a sociedade e sua cultura como local de desenvolvimento. Assim, tal fundamentação teve a finalidade de articular as diferentes experiências vividas pelas crianças e adolescentes no contexto de abrigo e, as estratégias de enfrentamento à violência por intermédio de mediadores culturais.

Na discussão, interpretação dos dados coletados em diferentes fontes (entrevistas com as professoras e resultados do grupo focal com as crianças e adolescentes) foi utilizada a análise da conversação e da fala, empregada segundo Myers (2002), para codificar os tipos de categorias expressos nas falas dos participantes.

Considerando essa premissa, a análise da sistematização dos depoimentos e opiniões expressos pelas crianças, adolescentes e professoras que trabalham na instituição, foram constituídas a partir de categorias que emergiram de suas falas. Com a finalidade de preservar a identidade das mesmas, cada adolescente será identificada através de nomes de flores, pensados devido o nome da instituição Casa Mamãe Margarida, fazer referência à respectiva flor; enquanto as professoras serão identificadas

através dos numerais 1, 2 e 3, determinados de acordo com a ordem em que foram realizadas as entrevistas.

4. Resultados e discussões

Será exposta a discussão dos resultados levantados no grupo focal com as meninas abrigadas e nas entrevistas realizadas com as professoras que trabalham na instituição. A análise se organizará através de categorias estabelecidas, que consideraram os temas mais recorrentes nas falas dos participantes e possibilitaram responder os objetivos estipulados anteriormente pela pesquisa. Dessa forma, como foi explicado nas técnicas para a análise e interpretação dos dados na pesquisa no âmbito da metodologia: a análise da conversação e da fala coletadas na entrevista e no grupo focal que foi desenvolvida mediante a reflexão crítica a respeito da teoria referida na fundamentação teórica, trazendo como base conceitos da teoria Histórico-Cultural, à luz de referenciais da psicologia escolar e educacional, possibilitando uma discussão científica a respeito do estudo.

4.1. Análise do grupo focal

4.1.1. Breve relato das razões que levaram as meninas participantes da pesquisa ao acolhimento institucional.

Estes relatos foram sistematizados no intuito de tomar conhecimento da subjetividade dos sujeitos envolvidos, pensando em suas histórias de vida como construção de suas identidades. Mesmo que resumidos, visto a complexidade de tal tarefa, as informações servem apenas para ter uma ideia a respeito de quem são as meninas ou os sujeitos que participaram da pesquisa. As informações sobre as meninas foram dadas pela psicóloga responsável por trabalhar apenas com as crianças e adolescentes abrigadas. Antes da realização do grupo focal, foi solicitado à psicóloga que falasse um pouco sobre as meninas, contando suas histórias de vida e por que estavam no abrigo, de maneira sucinta. Por isso, o tempo das meninas no abrigo e suas idades são referentes ao período em que os dados foram coletados.

4.1.1.1. Rosa

Rosa tem 12 anos. E não é abrigada atualmente pelo Juizado da Infância e da Juventude. Já foi acolhida quando mais nova através do encaminhamento do Juizado da Infância e da Juventude, mas hoje é acolhida por pedido da família aos responsáveis pela Casa Mamã Margarida. Quanto ao respaldo legal do acolhimento em situações nas quais as famílias pedem à instituição que as meninas sejam acolhidas, o art. 93 do Estatuto da Criança e do Adolescente esclarece que o acolhimento pode ser feito em situação excepcional e de urgência, mas deve ser comunicado ao Juizado da Infância e da Juventude em até 24 horas. Infelizmente, não foram investigados mais cuidadosamente dados a respeito da situação do acolhimento institucional de Rosa e o do cumprimento de tais leis no decorrer da pesquisa, visto que, não respondiam as questões levantadas pelos objetivos. A família de Rosa vive em situação de extrema pobreza, em condições de vulnerabilidade. Sua mãe é doente mental e tem muitos filhos. Alguns irmãos de Rosa são dependentes químicos e algumas de suas irmãs são envolvidas com prostituição. Rosa tem outras quatro irmãs que também estão abrigadas na instituição. Rosa está abrigada há quatro anos. Mesmo estando determinado que *“a permanência da criança e do adolescente em programa de acolhimento institucional não se prolongará por mais de 2 (dois) anos, salvo comprovada necessidade que atenda ao seu superior interesse, devidamente fundamentada pela autoridade judiciária”*(ECA, artigo 19, parágrafo 2º).

4.1.1.2. Jasmim

Jasmim tem 13 anos. Sofreu rejeição familiar, vivia de casa em casa, passando por várias famílias. Sua mãe é dependente química. Jasmim está há três anos no abrigo, tempo que também é superior ao determinado pelo ECA para a permanência da criança ou do adolescente em situação de acolhimento.

4.1.1.3. Dália

Dália tem 13 anos. Não morava com a mãe, pois ela é dependente química. Acabou se envolvendo com drogas e prostituição. Está no abrigo há três anos, de novo um tempo que excede ao período de dois anos estabelecido pelo ECA.

4.1.1.4 Violeta

Tem 12 anos. Morava com outra família, depois de ser rejeitada pela mãe. Violeta sofreu maus tratos e era submetida a condições violentas como o trabalho infantil. Tem cinco meses que Violeta está no abrigo.

4.1.1.5 Íris

Tem 14 anos. Íris está há apenas duas semanas no abrigo, ainda em fase de adaptação. Morava antes com o pai, pelo qual era rejeitada. Fugia constantemente de casa e se envolveu com prostituição. Como o critério para fazer parte do grupo focal foi apenas a faixa etária das meninas, e essas eram as únicas meninas do abrigo que tinham a idade estabelecida como critério (10 a 14 anos), mesmo não tendo meninas de 10 e 11 anos. Íris participou do grupo, mesmo escolhendo ficar calada a maior parte do tempo.

4.1.2. Realidade X Fantasia

A relação dialética entre realidade e fantasia implica que a realidade influencia a fantasia, da mesma forma que a fantasia é influenciada pela realidade. Dessa maneira, esses dois conceitos antagônicos permeiam a subjetividade a partir de representações acordantes construídas socialmente por mediadores que produzem sentidos e significados. Assim, a mediação entre realidade e fantasia além dos instrumentos midiáticos é também a compreensão do mundo vivido e construído por estas meninas que participaram do grupo focal durante a realização da pesquisa. Por isso, a categoria foi elencada a partir das falas que emergiram e permitiram a compreensão da particularidade das experiências de vida das meninas abrigadas.

Durante o grupo focal uma das meninas perguntou sobre viagens. Nas palavras de Jasmim dirigidas à entrevistadora

“A senhora já viajou pra algum lugar, já? Assim, vivendo alguma coisa mais bonita assim...”. (Jasmim)

A fantasia de viajar e viver coisas mais bonitas parte da realidade vivida por ela hoje

“Tia, nos Estados Unidos, tia, tu não encontra um homem jogado, tia. Mas vai ali em cima na esquina. Só encontra homem jogado, tia. Dá pena.”. (Jasmim)

E assim, através da dialética da narrativa que surgiu por meio do grupo focal procurou-se entender um pouco do mundo das meninas abrigadas. Das piadas feitas por Rosa com muito humor e inocência é possível perceber a complexidade dos elementos que compõem sua vida:

“...tia o homem tava num beco, ele tava dormindo. Ele é um mendigo, né? (risos) Aí a mulher passou... Aí a mulher passou, né? Aí ele: “ai, sonhei que era mendigo”. (risos) Entendeu? Ele era mendigo, ele sonhou que ele era mendigo. Entendeu? Aí quando ele fala: “ai, sonhei que era mendigo” [...] “Uma vez uma piada que é bem assim, né... Como se chama um traficante armado até os dentes? É melhor chamar de senhor.”. (Rosa)

Tal relato em formato de anedota explicita situações de pobreza, vulnerabilidade e violência, questões que fazem parte da sociedade regida e mediada pelo dinheiro, que vem a reproduzir situações de desigualdade e preconceitos, colocando mendigos e traficantes como marginalizados, à margem do valioso ideal ambicionado em uma sociedade capitalista. Assim, compreendemos também o mundo em que essas meninas vivem.

Partindo da premissa de transformação da realidade através da fantasia defendida por esse trabalho, faz-se necessário enfatizar também como os mediadores culturais que fazem parte das atividades desenvolvidas na prática da instituição de acolhimento em que estão às respectivas meninas, podem ajudar a ressignificar a realidade de violência por meio da fantasia.

Dália descobriu nas aulas de dança o sonho de ser bailarina. Rosa diz estar viajando quando atuando em uma aula de teatro, pensa em estar com um príncipe encantado e seu sonho é ter uma banda onde possa dançar, cantar e atuar. Jasmim ama ouvir e cantar música e se apresenta com a cantora de pop americana Avirl Lavigne. Do interesse das meninas pela dança, música, teatro e outros mediadores culturais, elas conseguem construir sonhos. A partir de suas fantasias constroem o futuro, superam as experiências de violência uma vez vividas, e vivendo, enfim, o seu final feliz. Como nos depoimentos expostos a seguir:

“De dança porque eu quero ser bailarina, tia... Sonho, sonho, sonho.” (Dália)

“Eu to viajando! Que eu to com um príncipe encantado! [...] Tia, o meu sonho é fazer uma banda, tia. Eu vou cantar, dançar, fazer teatro e...” (Rosa)

“Eu me sinto a Avirl, tia. Amo, adoro. Tia, eu me sinto loucona.” (Jasmim)

É curioso, no entanto, quando Dália afirma,

“No teatro eu aprendi que a vida não é só fantasias. Na dança a mesma coisa, que não é só brincar.”(Dália)

De um momento onde se deveria ser trabalhado o “faz de conta” e o lúdico, Dália diz aprender sobre a realidade da vida. De novo aparece a relação dialética entre a realidade e a fantasia, confirmando que uma não existe sem a outra.

No livro *Imaginação e criatividade na infância* de Vigotski (2014, p.15), ele explica a relação entre realidade e fantasia como uma “dependência dupla e recíproca da imaginação com a experiência”. Uma vez que, a fantasia é construída a partir daquilo que é vivido no mundo real, e as experiências do mundo real possibilitam ao sujeito criar e construir novas combinações, fazendo do produto da fantasia a realidade. Possibilitando a construção de novos significados para as experiências de vida das meninas abrigadas a partir do que imaginam, sonham e fantasiam.

4.1.3. Atividades como perspectivas de futuro

Outro fator interessante, muito presente na fala das meninas durante o grupo focal diz respeito a como elas encaram as aulas realizadas na Casa Mamãe Margarida e os mediadores culturais utilizados como perspectiva para o futuro. Como mencionam:

“Por causa que a gente aprende, porque assim a gente faz... lá na frente a gente pode se dar bem. Se a gente for num caminho que a tia falar pra gente ir, é pra gente ir que a gente vai se dar bem lá na frente...”. (Rosa)

“Porque pintura em tecido eu aprendo a pintar e quando eu estiver em outros lugares eu vou saber mais. E teatro eu posso aprender muitas coisas. Aprender todas as danças, os ensaios, as músicas. E biblioteca eu posso aprender a ler. [...] Eu posso ser até professora, porque eu já aprendi.”. (Violeta)

Pensar nas atividades realizadas agora na casa como perspectiva de futuro é muito interessante ao se refletir que também é uma maneira das meninas fantasiarem e terem expectativas em relação a um futuro melhor. Mas, é preciso ter clareza de que tais atividades não devem ser feitas apenas com um intuito profissionalizante, uma vez que, os mediadores culturais dos quais elas participam, são maneiras riquíssimas para se

trabalhar a subjetividade. Sendo que para Vectore (2015, p.188) programas que utilizam estratégias mediacionais “devem ser considerados ou estruturados a partir das necessidades e particularidades culturais da população a ser atendida, tem-se que a escuta das subjetividades parecem propiciar uma melhor adesão do participante em relação ao que deve ser implementado”. De forma que fazer sentido para os sujeitos participantes do processo, para as crianças e adolescentes em situação de acolhimento, torna-as mais interessadas.

Para a educação a concepção de mediação cultural, segundo Vigotski (1995), implica que a criança aprende à medida que faz parte da cultura, uma vez que quando assimila o mundo exterior, constrói-se como sujeito, conduzindo o seu desenvolvimento. Da cultura da dança, música, leitura e pintura as crianças podem, além de construir um futuro profissional, construir a sua relação com o mundo enquanto sujeitos que dele fazem parte. (ZANOLLA, 2012).

E, em um contexto em que crianças e adolescentes sofrem ou sofreram situações de violência, além da separação do núcleo familiar, estando passando por um momento conflituoso que não pode ser desconsiderado, é necessário prezar por recursos que garantam o desenvolvimento integral da criança e do adolescente, promovendo um acolhimento institucional com qualidade. Pois a sua construção de relação com o mundo deve possibilitar também a construção de novos significados, para a superação da violência vivida. Partindo de questões que façam sentido para essas crianças e adolescentes, colocando-os como participantes ativos do processo socioeducativo. E incentivando a sua autonomia, para, então, construírem um futuro com grandes possibilidades.

4.1.4. Atividades realizadas e a presença da narrativa

A narrativa teria como objetivo, proporcionar às meninas abrigadas o direito de falar e ser ouvida, de modo que o trabalho realizado na instituição de abrigo esteja voltado para elas e as tenha como protagonistas. Garantindo a elaboração de instrumentos no planejamento do trabalho da instituição a partir da realidade vivida por cada uma das meninas atendidas, verificando a maneira como elas são afetadas pelo mundo, atentando para o que faz sentido para elas. Honorato (2008) chama de ‘espaços da narrativa’ momentos que proporcionem o diálogo oral, corporal, gestual ou visual, de

forma a tratar a história de cada um, compreendendo-o como sujeito fazedor de sua cultura, acreditando-se no valor da história narrada que ele tem a contar.

Das aulas de canto Jasmim relatou

“Ah, eu gosto de cantar música inglês, ingles [...] Eu gosto, mas a professora só quer cantar música brega lá. Ai eu saio é fora, às vezes”. (Jasmim)

As músicas trabalhadas poderiam ser também escolhidas pelas alunas, tornando-as parte do processo de aprendizagem. A mediação deve tornar oportuna a relação entre o indivíduo e o conteúdo a ser trabalhado por ele na educação, como afirma Zanolla (2012). Fazendo das meninas abrigadas protagonistas dessa relação. Para que sejam parte do processo dialético de ressignificação da realidade através da fantasia por intermédio dos mediadores culturais.

As meninas percebem a importância dos mediadores culturais para o seu desenvolvimento e formação socioeducativa, se interessam por eles e se apropriam deles para diversas instâncias de suas vidas. Jasmim, apaixonada por música, principalmente a americana, afirma:

“Tia, a senhora já percebeu uma coisa, que quando a gente tá escutando uma música agitada, assim tipo... quando a gente tá escutando uma música, assim, toda... assim, agitada. A gente fica toda feliz assim, né? Aí quando coloca uma música triste, a gente fica triste... A gente fica... A gente fica do jeito da música”. (Jasmim)

A música como diz Jasmim trabalha a sua subjetividade e a auxilia a se colocar no mundo, externando através dela seus sentimentos ou vivendo por meio da música os seus sentimentos, de forma que existe uma relação recíproca entre a imaginação e as emoções. Egan (2007) discorre que as emoções se unem a imagens mentais, assim, a imaginação faz sentir algo como se fosse real. Nas palavras de Vigotski (2014):

... tudo o que a fantasia constrói influencia reciprocamente nossos sentimentos, e ainda que esta construção, por si só, não corresponda a realidade, todos os sentimentos desencadeados por elas são reais, vividos verdadeiramente pelo homem que os experimenta. (p.18)

Assim, deve-se proporcionar a narrativa para que Jasmim e todas as meninas abrigadas façam parte da dialética que envolve o processo socioeducativo da instituição de acolhimento, permitindo-lhes expressar seus sentimentos, suas opiniões e vontades.

4.1.5. Relação com o abrigo

Quanto à relação das meninas com a instituição de abrigo Casa Mamãe Margarida, percebida através da fala destas a respeito de como a instituição e os mediadores culturais trabalhados no processo socioeducativo da instituição as ajudaram no decorrer do tempo em que estiveram abrigadas, Dália expõe em seu depoimento

“É, tia. Antes a minha cabeça, tia... vazia, tia. Rum! Ninguém vai me ver com a minha cabeça vazia, tia. O teatro não, ocupa muito a minha cabeça, a dança. [...] tem meninas que já fugiram aqui, oh... muitas vezes, tia. E a irmã L., tá aí. Aceitou, tia. Tem gente que fala que a casa não serve pra... mas serve sim, tia. Sabe por que? Porque se não servisse pra elas não voltavam pra cá. Muito mal, tia. Falam muito mal da casa, tia. Mas não, tia. Não é nada disso, tia. Eu tô aqui há muito tempo e não acho nada disso. Tem meninas que não tá aqui nem meses, tia, nem anos... aí já fala mal da casa, tia.”

As atividades realizadas com mediadores culturais ocupam a cabeça das meninas como diz Dália, pois elas têm a oportunidade de sair do ambiente de vulnerabilidade em que vivem ao serem encaminhadas para o abrigo, onde tudo lhes é oferecido da melhor forma possível, procurando atender aos critérios das Orientações Técnicas para o Acolhimento, prezando pelos direitos da criança e do adolescente defendidos pelo ECA. Como no relato de Rosa

“Eu cheguei aqui normal. Olha que eu tinha oito ou sete anos. Eu cheguei aqui... eu vi que já tava tudo preparadinho... já ia ter uma festa, parece que era no dia da festa da gratidão ou no dia da festa junina. [...] Eu não sentia falta da minha família. Eu não sentia porque eu fugia de casa. Eu não queria... Eu não queria ficar com a minha família. [...] É, eu fiquei bem melhor. Mas eu já fugi daqui duas vezes.”

Mas no ambiente “harmonioso” em que as meninas são abrigadas, elas vivem também situações extremamente conflituosas. Das fugas e queixas em relação ao abrigo estão refletidos também a violência que viveram em casa e a separação do vínculo familiar. Como diz Íris que chegou há pouco tempo na instituição

Eu não gosto de ficar aqui por enquanto. [...] Eu tenho vontade de ir pra casa. [...] Não... ficar longe do meu pai, eu acho chato. (Íris)

Por isso, mais que ocupar “mentes vazias” os mediadores culturais propiciam a oportunidade a essas meninas de trabalhar seus conflitos com suas histórias de vida, de modo a dar novos significados a ela, bem como perceber a subjetividade, através

daquilo que é falado, atentar para a historicidade de cada sujeito e considerar a particularidade das relações construídas das meninas com o mundo.

Discutindo sobre os desafios e perspectivas para o acolhimento institucional que perpassam este ambiente Rossetti-Ferreira, Serrano e Almeida (2011), atentam mais uma vez para importância de se dar voz as crianças e adolescentes

... se o que causa o acolhimento de crianças é a violação de alguns de seus direitos básicos, muitas vezes, alguns direitos continuam sendo violados durante a institucionalização. Frequentemente, a criança é o sujeito menos ouvido. Muito se fala dela, do seu melhor interesse, mas ela é pouco informada e escutada sobre seus sentimentos, medos e experiências. Seu destino vai sendo traçado, sem o seu conhecimento e participação. (p.369)

O abrigo deve oferecer um ambiente favorável para que a criança e o adolescente acolhidos possam se expressar e criar, de forma a fazer parte das histórias e relações que constroem, valorizando a individualidade de cada sujeito que dele participa e oferecendo cuidado e atenção personalizados. Por isso, é tão importante desenvolver estratégias, práticas e técnicas que permitam sempre a escuta e participação da criança e do adolescente abrigados. (ROSSETTI-FERREIRA, SERRANO E ALMEIDA, 2011)

Assim, a missão de uma instituição de abrigo deve abarcar os conflitos postos pela sociedade e que se refletem no sujeito, nas crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social que são sujeitos de direitos.

Nessa perspectiva, os mediadores culturais podem ser fortes aliados quando trabalhados de maneira plena. Por isso, defende-se que os mediadores culturais devem ser trabalhados no processo socioeducativo de instituições de acolhimento de forma a permitir a subjetividade da criança e do adolescente abrigado, possibilitando, assim, a relação dialética entre a realidade vivida e a fantasia sonhada.

4.2. Análise das entrevistas

4.2.1. Breve relato sobre quem são as professoras participantes da pesquisa

Para esclarecer e nortear o leitor a respeito de quem são as professoras que responderam as entrevistas, será feito um relato conciso sobre o tempo de trabalho das professoras na instituição e as disciplinas e turmas por quais são responsáveis. Para responder as entrevistas os sujeitos foram abordados enquanto trabalhavam, verificando a sua disponibilidade e interesse em dedicar-se a responder as perguntas, conversando

um pouco sobre sua prática na Casa Mamãe Margarida. Os dados são referentes ao período em que foram coletados para a pesquisa.

4.2.1.1. Professora 1

É professora do segundo ano do ensino fundamental I na instituição. Trabalha na Casa Mamãe Margarida há 10 meses. Caracterizando a si mesma como umas das novatas, pois entrou no lugar de uma professora antiga na casa que precisou se ausentar e que anteriormente trabalhava com a turma do segundo ano.

4.2.1.2. Professora 2

É responsável pela disciplina de educação física para todas as meninas do primeiro ao quinto ano. E trabalha na instituição há um ano e três meses.

4.2.1.3. Professora 3

Professora da turma da turma do quinto ano do ensino fundamental I, turma mais avançada na escola da instituição. Já trabalha na Casa Mamãe Margarida há 4 anos.

4.2.2. Trabalho realizado pela instituição

Através das falas das professoras foi possível compreender que para a Casa Mamãe Margarida as atividades culturais são de grande importância na programação da agenda anual. Segundo a Professora 3

“Todas as atividades desenvolvidas, nós acabamos envolvendo de alguma forma esses meios culturais.” (Professora 3)

As atividades buscam abranger os mediadores culturais, portanto, é muito comum a utilização desses mediadores na instituição. Sendo realizados por meio de atividades extracurriculares no período da tarde, pelas professoras em sala de aula e através de festas e comemorações. Assim, os mediadores culturais estão fortemente presentes no trabalho realizado pela instituição.

Planejadas através de um calendário, que procura abarcar todas as atividades promovidas pelo trabalho da Casa Mamãe Margarida, mesmo que alterações tenham que ser feitas no decorrer do ano, visto que também contam com a participação de voluntários e parcerias exteriores a casa. Como a instituição é de caráter filantrópico, social e educacional, a Casa Mamãe Margarida costuma ser visitada por voluntários. As atividades desenvolvidas que não se encontram registradas na programação anual levam os professores, segundo a opinião dos mesmos, ao cansaço devido à mudança de rotina do local:

“Existe toda a programação da instituição fora a sala de aula, como o Fórum, as atividades científicas duas vezes no ano, dramatizações. Aqui é uma casa que surge às coisas na hora, faz parte, é bom, mas é cansativo...” (Professora 3)

Os Fóruns mencionados pela Professora 3 estão destacados no Projeto Político Pedagógico da instituição como “encontros semestrais que propõe o debate sobre temas ainda considerados polêmicos ou de difícil acesso em ambientes escolares, resguardando-se o direito de expressarem-se livremente sobre violência, drogas, sexualidade, relações com a família, dentre outros.” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) DA INSTITUIÇÃO, 2006, *apud* Silva, 2013, p. 66).

Entretanto, as atividades são vistas pelas professoras como algo positivo para as meninas desde que tenham sempre em plano algo que faça sentido para elas, ou seja, temas que foram ou possam ser vividos por cada uma

“Trabalhar não só o conteúdo, mas esse lado, desde que seja uma situação que tenha valor, tenha sentido, caso contrário, não vai valer”. (Professora 3)

4.2.3. Realidade das meninas

A Casa Mamãe Margarida atende meninas que se encontram em situação de vulnerabilidade social. A ausência familiar, a condição de extrema pobreza, o envolvimento direto ou indireto com abuso de drogas, a violência física e sexual, a prostituição e outras condições ultrajantes fazem parte da história de vida dessas meninas. Assim, para construção de novos significados e superação da vulnerabilidade vivida o acesso aos mediadores culturais podem ser extremamente importantes.

A interação social e com a família devem ser preservadas, pois são de grande importância para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Grajew (2012, p. 148)

chega a dizer que “o melhor para o desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes é o convívio familiar e comunitário”.

Seja para as meninas abrigadas, que estão afastadas temporariamente de seu núcleo familiar ou para as meninas que são atendidas pela instituição através do apoio socioeducativo e de proteção básica veiculada ao ensino fundamental do primeiro ao quinto ano. A inclusão da família no trabalho realizado pela instituição deve ser um ponto a ser estimado.

O Estatuto da Criança e do Adolescente pontua que

Salvo determinação em contrário da autoridade judiciária competente, as entidades que desenvolvem programas de acolhimento familiar ou institucional, se necessário com o auxílio do Conselho Tutelar e dos órgãos de assistência social, estimularão o contato da criança ou adolescente com seus pais e parentes, em cumprimento ao disposto nos incisos I e VIII do caput deste artigo. (ECA, artigo 92, parágrafo 4º)

Nas falas das professoras é possível perceber a dificuldade que a instituição enfrenta com a falta de apoio familiar das meninas. Mesmo ocorrendo um trabalho estruturado na instituição, quando retornam às suas casas, acontece uma ruptura do trabalho realizado. A instituição quer compartilhar com a família a responsabilidade, mas nem sempre a participação da família é como o desejado, ou como preconiza a legislação.

Constantemente é incentivado o envolvimento e a responsabilidade familiar, sendo de forma alguma estimulado o afastamento dos mesmos. Através do relato da Professora 1 é possível perceber o contexto mencionado

“Então elas passam bastante dificuldade, é tanto que no meio de julho, nós temos visitas nos lares, as professoras vão visitar suas alunas e é muito sofredor pra quem presencia as dificuldades que elas passam. É muita pobreza. Então quando elas vêm pra cá, elas vem receber muitas vezes coisas que elas não têm em casa, às vezes elas vem pra cá e muitas vezes elas nem tem carinho dos pais. Aí eu falo pra elas que se você vive com raiva você tem que ter um motivo pra essa raiva, que se você vive triste, você tem que ter algum motivo pra essa tristeza”.

É possível perceber a frustração em relação à realidade de vulnerabilidade vivida pelas meninas. É fundamental lembrarmos que o programa não pode prescindir do apoio à família de origem, pois, neste caso, estará incompleto: o abrigo e a família precisam estar juntos. “A interação da tríade instituição-família-comunidade é vital em propostas

dessa natureza, considerando a importância desses três contextos como fonte de conhecimento e formação para o desenvolvimento humano” diz Vectore (2015, p. 189).

É importante que medidas sejam integradas para que ocorra a diminuição do tempo de abrigamento de crianças e adolescentes. Portanto, o vínculo e a convivência familiar precisam ser compreendidos como direitos da criança e do adolescente pelo fato de que a permanência no abrigo é temporária e o retorno à família é uma questão de tempo. As Orientações Técnicas (2009) defendem que a ainda na etapa inicial do processo de acolhimento deve ser feito o acompanhamento da família, procurando conscientizá-la sobre as razões que levaram ao afastamento da criança ou adolescente do vínculo familiar; para que posteriormente se planeje acordos entre família e serviço de acolhimento que procurem a superação dos motivos que violaram os direitos da criança ou do adolescente; promovendo o trabalho conjunto da equipe técnica do serviço de acolhimento, junto à família e ao sistema judiciário.

Faz-se necessário que não só os educadores da instituição de acolhimento proporcionem um lugar que favoreça a mediação cultural e ressignificação da violência, ou seja, os pais ou a família responsável também devem estar aptos a dar a oportunidade do desenvolvimento saudável para suas crianças e adolescentes por meio deste instrumento tão relevante. Cabendo ao serviço de acolhimento prestar assistência igualmente a família das crianças e adolescentes abrigados, pois estes também se encontram em situação de vulnerabilidade.

4.2.4. Relação das meninas com as atividades que utilizam mediadores culturais (sob a perspectiva das professoras)

Da experiência da Professora 1 com a utilização de mediadores culturais, ela expressa

“Quando leio história, aí eu peço pra elas falarem o que aconteceu de importante nas histórias, pra elas relatarem. Aí elas veem muita coisa diferente. Cada dia conto uma história diferente e elas veem as mudanças [...] Mas quando chega na montagem de um trabalho, dá um nervoso nas mulheres, o medo toma conta delas, porque na hora delas se expressarem o medo toma conta total delas”.

É possível perceber que as meninas se interessam pelas atividades, entretanto, não se sentem a vontade para se expressar. O medo e a insegurança, no entanto, são

esperados de crianças e adolescentes oprimidos diariamente pelas injustiças do sistema que rege a sociedade e as colocam a margem de seus direitos como sujeitos.

Mas para que elas façam parte da relação dialética entre a realidade que vivem e a fantasia das histórias contadas, por exemplo, é necessário que elas se expressem, para que tenham voz no processo socioeducativo de que participam. Rossetti-Ferreira, Serrano e Almeida (2011) discorrem sobre o direito da criança e do adolescente de se expressarem e de serem ouvidas, quando encarados como sujeitos de direitos. Por isso, cada vez mais a utilização de estratégias e mecanismos que proporcionam a promoção da expressão das crianças e adolescentes é considerada fundamental, para que estes participem dos assuntos relacionados a eles.

Assim, a necessidade de se procurar alternativas para o processo socioeducativo e para a garantia da valorização destas crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, por meio da utilização de mediadores culturais que promovem a narrativa é extremamente pertinente.

Como as professoras relatam, apesar de todas as dificuldades vivenciadas, é possível perceber que no abrigo as meninas se destacam através dos mediadores da dança e do teatro, por exemplo

“Sim, nós temos meninas que a partir da dramatização elas acabaram sendo revelação. Meninas que eram super agressivas, fazem de qualquer jeito seu trabalho, mas na dramatização ela foi revelação, como duas abrigadas. Por todo o fator histórico de briga, foi revelação. Então assim, precisa que possamos acreditar que favoreça sim no nosso trabalho, no desenvolvimento também da menina, nas atividades, na expressão verbal, na vida cotidiana dela e na questão da postura”. (Professora 3)

Deste modo, as professoras acreditam na importância da realização dos mediadores culturais, desde que os temas selecionados para as atividades estejam de acordo com sua realidade, fazendo sentido para as meninas a partir dos significados construídos de mundo. Na percepção das educadoras, as abrigadas gostam de participar intensivamente das atividades propostas. Nas palavras da Professora 3:

“Com certeza! Desde que tenha sentido. Elas se entregam.” (Professora 3)

4.2.5. Relação das professoras com as atividades que utilizam mediadores culturais

Devido à história pregressa das crianças e das adolescentes abrigadas, muitas chegam ao abrigo com baixa autoestima, apresentando sofrimento emocional. Por isso, se acredita que é preciso existir ações direcionadas à equipe das instituições, para que estas estejam preparadas para manejar cuidadosamente a diversidade de situações apresentadas no histórico de cada criança e/ou adolescente, na perspectiva de propor uma condição de espaço para o desenvolvimento saudável destes sujeitos. Vectore (2015) chama atenção para a responsabilidade da instituição de acolhimento estabelecer vínculos estáveis entre os profissionais que nela trabalham e as crianças e adolescentes abrigados, percebendo a importância do trabalho ali realizado.

Da relação afetiva entre as crianças e adolescentes abrigados e os educadores da instituição de acolhimento, Freiria e Caldana (2011, p.311) falam que “a relação estabelecida com os educadores assume papel central na vida das crianças e dos adolescentes abrigados, à medida que serão estes adultos quem assumirá o papel de orientá-los e protegê-los, constituindo nesse momento, os seus modelos de referência.”. Reforçando a necessidade de uma formação especializada para estes educadores.

Podendo assim, trabalhar melhor também a utilização dos mediadores culturais e a subjetividade da criança e do adolescente abrigado. Na medida em que as capacidades narrativas, a integração entre o cognitivo e o afetivo, que deve ser possibilitada pelos educadores ou professores, tem importância na educação pela capacidade de dar sentido as coisas, a partir da construção de significados. (EGAN, 2007)

Segundo as professoras, a estimulação da leitura, a dramatização de contos, o trabalho com brincadeiras infantis, músicas, poesias e coreografias como mediadores culturais, sejam eles utilizados dentro ou fora da instituição, é de fundamental importância, pois acreditam que o aproveitamento da atividade influenciam a fantasia e a superação de suas inseguranças.

Sendo ainda, concebidas com o objetivo de conferir às crianças e aos adolescentes a oportunidade de exercitarem o protagonismo, pois é nesse momento que elas podem expressar e expor seus sentimentos. Propõe-se, assim, como espaço de apropriação de suas histórias e de protagonismo diante de manifestações culturais. Como relata a Professora 3

“Eu não sou o tipo de professora que se importa somente com o conteúdo, ainda mais pelo tipo de meninas que trabalhamos, eu quero que elas se tornem pessoas honestas, pessoas humanas, no sentido mesmo de real da

palavra. Onde ela possa se sentir sensível a outra pessoa, ter sentimentos à outra pessoa; é fácil ter pena, mas não devemos cuidar como coitadinhas. Não! Vocês são protagonistas da história de vocês, se passaram por dificuldades, foi um fato, então por isso estamos aqui pra ajudar, tem uma equipe pra chamar atenção no momento que for preciso, chamar a família, porque é outra situação, não existe um trabalho bonito com um final satisfatório se não existir a família.”. (Professora 3)

5. Conclusão

O trabalho proporcionou deduções e percepções a respeito da prática socioeducativa em instituições de abrigo, a partir dos objetivos almejados pela pesquisa. Constatou-se que as práticas socioeducativas da instituição Casa Mamãe Margarida recorrem à utilização da mediação cultural. Identificando a existência de mediadores culturais que promovem a narrativa de crianças e adolescentes no processo socioeducativo de instituições de abrigo.

Ao ser investigada, então, a importância da narrativa no processo socioeducativo de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional e seus benefícios em seus desenvolvimentos. Visto que, oriundas de uma realidade de extrema pobreza e violência contra seus direitos básicos às meninas atendidas pela instituição de abrigo em questão são vítimas de discriminação, exclusão, abandono, maus tratos, exploração sexual, etc. E para enfrentar tais desafios o atendimento destinado a essas meninas deve proporcionar-lhes não só o cumprimento de seus direitos, mas também a oportunidade de trabalhar e elaborar o sofrimento vivido, garantindo os cuidados necessários para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. A narrativa através dos mediadores culturais promete dar conta de suas subjetividades, para que seja possível perceber como o processo socioeducativo faz sentido para estas crianças e adolescentes a partir de suas histórias de vida e da relação que construíram com o mundo, possibilitando a criação de novos significados.

Dessa forma, a metodologia utilizada pela presente pesquisa possibilitou compreender, por meio das entrevistas com as professoras: que elas prezam pela utilização de mediadores culturais em suas práticas, sendo também uma constante no trabalho realizado pela instituição Casa Mamãe Margarida, considerando-os de grande importância no delicado trabalho que é feito em uma instituição que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Do grupo focal realizado com as meninas que residem no abrigo percebemos: como a violência afeta a relação das meninas com o mundo em que vivem e como os mediadores culturais possibilitam a

mediação entre a realidade e fantasia, dando a elas a possibilidade de sonhar e construir um futuro diferente, na medida em que se apropriam de suas histórias de vida, sendo a narrativa, fator desencadeante dessa realização.

Assim, foi feita a análise de como o imaginário e a fantasia ajudam as crianças e adolescentes em acolhimento institucional a lidar com a violência no enfrentamento da realidade. De modo que, chegou-se a conclusão de que para fantasia proporcionar a ressignificação da violência vivida, é fundamental que se torne oportuno trabalhar a subjetividade, que deve partir da narrativa de quem faz parte do processo socioeducativo. Sendo as crianças e adolescentes atendidas consideradas protagonistas. Fazendo com que a particularidade de cada uma tenha valor no trabalho realizado, uma vez que, tem como objetivo cuidar dessas meninas garantindo seu desenvolvimento integral.

Dessa forma, os educadores devem priorizar a subjetividade na prática socioeducativa que realizam. Para isso, seria interessante uma prática vinculada ao trabalho realizado pela psicologia nas instituições de abrigo, com saberes que tem muito a oferecer a garantia de um serviço de qualidade para as crianças e adolescentes atendidos. Na Casa Mamãe Margarida o trabalho realizado pelas três psicólogas que fazem parte do corpo profissional da instituição poderia estar mais bem vinculado ao das professoras e demais educadores. Visto que a compreensão de sujeito por meio da teoria Histórico-Cultural, como a feita neste trabalho, facilita a percepção da importância em se trabalhar à subjetividade, por meio dos sentidos e significados construídos com o mundo, que podem ser alcançados através da mediação cultural, muito pertinente à prática socioeducativa.

6. Bibliografia

ARPINI, Dorian Mônica. Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 23, n. 1, mar. 2003.

AYRES, Lygia Santa Maria et al. Abrigo e abrigados: construções e desconstruções de um estigma. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, ago. 2010.

BRANDAO, Lenisa et al. Narrativas intergeracionais. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, 2006.

CARVALHO, Cíntia e VECTORE, Célia. Abrigamento, narrativas infantis: a importância da Psicologia Escolar em contextos de abrigo. In: MARINHO-ARAÚJO, Cleysi Maria (Orgs). *Psicologia Escolar*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) na Educação Básica. Brasília: CFP, 2013.

DAFFRE, Sílvia Gomara. As Leis e a Realidade de uma Instituição de Acolhimento. In: DAFFRE, Sílvia Gomara. *A Realidade dos Abrigos: Descaso ou Prioridade?*. São Paulo: Zagodoni, 2012.

EGAN, Kieran. Por Que a Imaginação é Importante na Educação?. In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir da Silva (Orgs). *Infância: Imaginação e Educação em Debate*. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA, Lei nº8069, 13 de julho de 1990, Brasília.

FREIRIA, Lorena Barbosa Fraga e CALDANA, Regina Helena Lima. Crianças e seu Cuidado no Acolhimento Institucional: da infância das educadoras as práticas adotadas. In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; SERRANO, Solange Aparecida; DE ALMEIDA, Ivy Gonçalves (Orgs). *O Acolhimento Institucional na perspectiva da Criança*. São Paulo: Hucitec, 2011.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. *Ciênc. educ.* (Bauru) vol.11 no.2 Bauru May/Aug. 2005.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W., GASKELL, George (Orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

GIRARDELLO, Gilka. Voz, Presença e Imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir da Silva (Orgs). *Infância: Imaginação e Educação em Debate*. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

GOVERNO FEDERAL E CONANDA – Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes. Governo Federal, Brasília, 2009.

GRAJEW, Oded. Políticas Públicas e a Garantia de Atendimento de Qualidade nos Abrigos. . In: DAFFRE, Sílvia Gomara. A Realidade dos Abrigos: Descaso ou Prioridade?. São Paulo: Zagodoni, 2012.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. A Formação de Professores (Re)Significada nos Espaços de Narrativa. In: FRITZEN, Celdoni; MOREIRA, Janine. Educação e Arte: as linguagens artísticas na formação humana. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

MACIEL, Diva M^a Albuquerque; SILVA, Iolete Ribeiro da. TACCA; M^a Carmen. Psicologia Escolar e Educacional. In: BECKER, Leticia Azzolin (Orgs). Psicologia para Concursos e Graduação: teoria e questões. RJ: Elsevir, 2011.

MYERS, Greg. Análise da conversação e da fala. In: BAUER, Martin W., GASKELL, George (Orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

ORIONTE, Ivana e SOUZA, Sônia Margarida Gomes. Viver em abrigo: com a palavra, a criança. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 2(1), São João del-Rei, Mar./Ag., 2007.

REY, Fernando González. Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Thomson e Pioneira. 2^a Edição Revisada, 2005.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; SERRANO, Solange Aparecida; DE ALMEIDA, Ivy Gonçalves. Desafios e Perspectivas para o Acolhimento Institucional. In ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; SERRANO, Solange Aparecida; DE ALMEIDA, Ivy Gonçalves (Orgs). O Acolhimento Institucional na perspectiva da Criança. São Paulo: Hucitec, 2011.

SILVA, Saulo Vieira Cavalcante da. Identidades Socioculturais e Processos de Aprendizagem de Meninas em Situação de Vulnerabilidade Social. 2013. 186p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, 2013.

SOARES, Pollianna Galvão; ARAUJO, Claisy Maria Marinho. Práticas emergentes em Psicologia Escolar: a mediação no desenvolvimento de competências dos educadores sociais. Psicol. Esc. Educ. (Impr.), Campinas, v. 14, n. 1, June 2010.

VECTORE, Celia. Estratégias Mediacionais: possibilidades de inserção do psicólogo escolar/educacional em abrigos. In: MARTINEZ, Albertina Mitjans (Orgs). Psicologia Escolar e Compromisso Social: novos discursos, novas práticas. Campinas, SP: Editora Alínea, 2015.

VECTORE, Celia. Recursos Mediacionais: possibilidades de uso em contextos infantis. In: Psicologia Escolar: identificando e superando barreiras. GUZZO, Raquel Souza Lobo; MARINHO-ARAUJO, Claysi Maria (Orgs). Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

VIGOTSKI, L. S.. A Formação Social da Mente (7º ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S.. Imaginação e Criatividade na Infância. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

ZANOLLA, Silvia Rosa da Silva. O conceito de mediação em Vigotski e Adorno. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte , v. 24, n. 1, Abr. 2012.

7. Apêndice

APÊNDICE I

Roteiro de questões norteadoras do grupo focal (crianças e adolescentes).

1. Quais as atividades que vocês realizam na Casa Mamã Margarida?
2. Quais são as suas preferidas? E por que as preferem?
3. Vocês se interessam por atividades que incentivam a imaginação e a fantasia?
4. Vocês acham que essas atividades são importantes? Por quê?
5. Em que sentido vocês acham que essas atividades ajudam vocês aqui na Casa Mamã Margarida?

APÊNDICE II

Roteiro de entrevista semiestruturada (professores).

2. Há quanto tempo você trabalha na instituição?
3. Você utiliza mediadores culturais (contos de fadas e literatura infanto-juvenil em geral, música, dança, teatro, etc) na realização de seu trabalho?
4. Quais são as práticas adotadas por você para incentivar a manifestação da narrativa das crianças e adolescentes? Você acredita que os mediadores culturais podem ter essa função?
5. Conte um pouco sobre a sua experiência com a utilização de mediadores culturais na instituição.
6. Você considera esses mediadores importantes no processo socioeducativo como possibilidade de ajudar as crianças e adolescentes a enfrentar a violência?

ANEXO**(Termo de Anuência Institucional da Casa Mamãe Margarida)****(Parecer do Comitê de Ética)**



INSPETORIA LAURA VICUÑA - CASA MAMÃE MARGARIDA
 Rua Edmundo Soares, nº 27, São José II - Fone/Fax: 3248-2331
 CNPJ: 04.566.352/0001-60 - Email: cmm.projetos@hotmail.com
 CEP: 69.083-140 - Manaus - Amazonas - Brasil

TERMO DE ANUÊNCIA

A Obra Social Casa Mamãe Margarida está de acordo com a execução do projeto de iniciação científica intitulado: **Era uma vez: o enfrentamento da realidade através da imaginação e da fantasia por crianças e adolescentes em contexto de abrigo**, a ser desenvolvido pela acadêmica do Curso de Psicologia **Luísa Euzébio Guedes de Freitas**, sob a orientação da **Prof. Dra. Ana Cristina Fernandes Martins**.

Assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa nesta instituição durante a sua realização.

Declaramos conhecer e cumprir a observância das normas preconizadas pela Comissão Nacional de Saúde no que se refere à Ética em Pesquisas com Seres Humanos, obedecendo as normas da Resolução CNS 196/96 e 466/2012, guardando inclusive o sigilo ético. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados.

Manaus, 10 de abril de 2014.


 Casa Mamãe Margarida
 Saulo Vieira C. da Silva
 Diretor / SEMED

Casa Mamãe Margarida
 Pedag. MSc. Saulo Vieira Cavalcante da Silva
 Diretor Escolar / SEMED / CMM
 Mat. nº 235311- 0 - AB

INSPETORIA LAURA VICUNA
 Casa Mamãe Margarida
 CNPJ: 04.566.352/0001-60

INSPETORIA LAURA VICUÑA
 Casa Mamãe Margarida
 Rua Edmundo Soares, 27, São José.
 Cep: 69.083-140 Manaus-Amazonas
 CNPJ: 04.566.352/0001-60
 Fone: 3248 2331

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Era uma vez: o enfrentamento da realidade através da imaginação e da fantasia por crianças e adolescentes em contexto de abrigo.

Pesquisador: Ana Cristina Fernandes Martins

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 32022014.5.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 686.644

Data da Relatoria: 11/06/2014

Apresentação do Projeto:

Completados 10 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente em 2000, Ayres, Coutinho, Sá e Albernaz (2010) propuseram-se a pesquisar as publicações científicas realizadas durante os anos de 2000 a 2008 sobre o tema do abrigo. Frente a grande quantidade de produção que atesta cientificamente a deficiência da política de abrigo, reconhecendo como inferior o convívio social das crianças e adolescentes que crescem neste meio, indagaram-se, então, sobre o que se quer produzir a respeito do tema, uma vez que já é tido como verdade o fracasso do abrigo. Na perspectiva de compreender a complexidade do tema e suas repercussões no processo de ensino-aprendizagem de cinco crianças e adolescentes que vivem essa realidade do abrigo, surgiu a motivação em investigar a influência dos mediadores culturais enquanto instrumentos desencadeadores da narrativa desses sujeitos, interesse despertado ao longo da disciplina Psicologia Escolar I, enquanto parte integrante do currículo obrigatório do curso de Psicologia. Para tanto, serão entrevistadas três professoras que atuam diretamente com as crianças e adolescentes participantes do estudo. Historicamente, o estudo da Psicologia Escolar/ Educacional, de acordo com Maciel, Silva e Tacca (2001), tem como objetivo aprimorar a compreensão e os conhecimentos sobre os processos educativos. Os estudos realizados ao longo da disciplina

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DO AMAZONAS - FUA (UFAM)



Continuação do Parecer: 686.644

problematicaram a atuação do psicólogo no campo escolar e educacional, mediante os desafios postos pela realidade nesse contexto em nível nacional e local, tais como: a produção do fracasso escolar, a relação escola e sociedade, a interação professor-aluno e a importância da psicologia escolar em contextos de abrigo. Considerando essa premissa, o documento do Conselho Federal de Psicologia, intitulado "Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogos na Educação Básica" (2013), estabelece dentre seus eixos que é função do psicólogo participar do trabalho de elaboração, avaliação e reformulação do projeto político-pedagógico da instituição escolar, destacando a dimensão pedagógica ou subjetiva da realidade escolar, o que permite sua inserção no conjunto das ações desenvolvidas pelos profissionais da escola e reafirma seu compromisso com o trabalho interdisciplinar. Assim, participar do cotidiano escolar lhes proporcionará experiências que contribuirão no planejamento, desenvolvimento e avaliação de diferentes possibilidades de intervenção. No que tange às práticas de intervenção no âmbito das instituições educacionais, o referido documento preconiza que, a função do psicólogo é conduzir a criança e o adolescente a descobrir seu potencial de aprendizagem, auxiliando na utilização de mediadores culturais que possibilitem expressões de subjetividade. Dessa forma, é cabível pensar, que através de mediadores culturais, o psicólogo escolar pode explorar as narrativas da criança e adolescente que vivem em contexto de abrigo, para que o processo socioeducativo realizado em tais instituições atente às peculiaridades do público em questão, contemplando suas necessidades.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar como o imaginário e a fantasia ajudam as crianças e adolescentes a lidar com a violência no enfrentamento da realidade.

Objetivo Secundário:

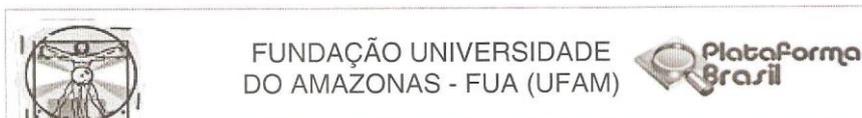
1) Identificar a presença de mediadores culturais que promovem a narrativa de crianças e adolescentes no processo socioeducativo de instituições de abrigo; 2) Investigar a importância da narrativa no processo socioeducativo e seus benefícios no desenvolvimento das crianças e adolescentes em situação de risco.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Toda pesquisa que envolve seres humanos, pode proporcionar riscos aos mesmos, de acordo com a Resolução 466/ 2012. Dessa maneira, caso alguma das crianças, adolescentes ou professoras

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
UF: AM Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 686.644

participantes do estudo se sentirem constrangidas ou desconfortáveis durante a realização de grupo focal e entrevistas, ou mesmo, psicologicamente fragilizadas em decorrências de fatos ou lembranças evocados que provoquem mal estar emocional, serão encaminhadas ao Serviço de Atendimento Psicológico da Instituição Mamãe Margarida, cujas psicólogas estarão cientes das datas e horários de desenvolvimento das respectivas técnicas. Caso seja necessário, as mesmas podem, ainda, obter encaminhamento para acompanhamento psicológico no Centro de serviço de Psicologia Aplicada – CSPA, da Faculdade de Psicologia – UFAM.

Benefícios:

A pesquisa trará benefícios à instituição foco do estudo no que diz respeito ao reconhecimento dos mediadores culturais enquanto instrumentos capazes de estimular/motivar o enfrentamento das situações de violência sofridas por parte das crianças e adolescentes em abrigo, bem como proporcionará subsídios à construção do conhecimento no âmbito da formação e atuação do psicólogo escolar para que sua intervenção em instituições socioeducativas e de acolhimento seja efetiva e satisfatória, além de contribuir enquanto fonte de consulta para futuras pesquisas nessa área.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

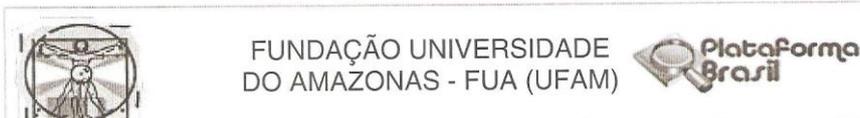
Trata-se de um PIBIC 2014/2015, orientado pela profa. Dra. Ana Cristina Fernandes Martins.

A pesquisa analisará como o imaginário e a fantasia ajudam as crianças e adolescentes a lidar com a violência no enfrentamento da realidade. O estudo será realizado na Instituição Casa Mamãe Margarida, através da abordagem qualitativa, por intermédio de estudo de caso e instrumentos tais como: pesquisa documental, entrevista semiestruturada com três professoras da instituição, observação participante, registros em diário de campo e grupo focal com cinco crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, encaminhadas pelo juizado da infância e adolescência para permanência na instituição em situação de abrigo. A análise de dados será realizada a partir da conversação e da fala das participantes, de onde emergirão as categorias que se constituirão no cerne do estudo.

Critério de Inclusão:

1) Serão consideradas crianças e adolescentes participantes da pesquisa: a) As crianças e adolescentes que tiverem idade entre 10 e 14 anos, por ser considerado um interstício onde a instituição registra percentual maior de alto índice de risco (prostituição, tráfico de drogas, violência sexual, dentre outros); b) Ter mais de um ano na instituição; c) Ter sido encaminhada para acolhimento de proteção especial de média ou alta complexidade que caracterizam situação de vulnerabilidade; d) Ter autorização de pai ou responsável para

Endereço: Rua Teresina, 4950
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 686.644

participar da pesquisa através de assinatura de termo de Consentimento Livre e Esclarecido.2)Serão consideradas professoras participantes da pesquisa, aquelas que: a) Tiverem mais de dois anos de trabalho na instituição; b) Desenvolverem maior variedade de mediadores culturais em sala de aula e atividades extracurriculares; c) Aceitarem

participar voluntariamente do estudo por intermédio da assinatura do Termo de Consentimento livre e Esclarecido.

Critério de Exclusão:

1)Serão consideradas excluídas do estudo as crianças e adolescentes que, no decorrer da pesquisa desistirem de participar do trabalho, bem como por qualquer situação, sejam retiradas do contexto de abrigo; 2) Serão consideradas excluídas as professoras que, no decorrer da pesquisa, desistirem de participar do estudo ou, se retirem da instituição por vontade própria ou por determinação da SEMED.

Tamanho da amostra:

Crianças e Adolescentes em Abrigo 5 Grupo Focal

Professoras da Casa Mamãe Margarida 3 Entrevistas Semiestruturadas

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1- Folha de rosto - Adequada , assinada pela Diretora da Unidade;
- 2- Termo de Concordância – apresentado, Casa Mamãe Margarida;
- 3- TCLE – adequados;
- 4- Instrumento de Coleta de dados – apresentados os roteiros de entrevista e grupo focal;
- 5- Critérios de inclusão e exclusão - apresentados, adequados;
- 6- Riscos e benefícios – adequados;
- 7- Cronograma – adequado, prevê coleta de dados para 01/10/2014 19/12/2014
- 8- Orçamento – adequado;

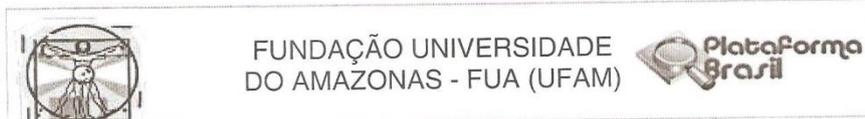
Recomendações:

Atentar para as pendências solicitadas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto em tela apresenta relevância social, atende a Resolução CNS 466/2012.

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-5130 **Fax:** (92)3305-5130 **E-mail:** cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 686.644

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

MANAUS, 13 de Junho de 2014

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador)

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
UF: AM Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br